

PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: ESTUDO DE CASO DO TERNO DE REIS ENTRE DESCENDENTES DE AÇORIANOS NO VALE DO TAQUARI, RIO GRANDE DO SUL/BRASIL¹

HERITAGE, MEMORY AND IDENTITY: AN STUDY OF CASE OF THE TERNO DE REIS AMONG AZOREAN DESCENDANTS IN TAQUARI VALLEY, RIO GRANDE DO SUL/BRAZIL

Cibele Caroline da Rosa²

Júlia Elisabete Barden³

Luís Fernando da Silva Laroque⁴

Resumo: O Terno de Reis trata-se de uma festa açoriana diretamente relacionada com a cultura dos imigrantes que saíram das Ilhas dos Açores no século XVIII para colonizar o Brasil meridional. O estudo objetiva analisar as implicações do Terno de Reis como patrimônio cultural imaterial entre os descendentes de açorianos no Vale do Taquari. Em termos metodológicos, adotou-se a pesquisa qualitativa, com perfil exploratório, ancorada em técnicas de pesquisa bibliográfica e o uso da história oral para realização de entrevistas, as quais são analisados a partir de teóricos da etnicidade, cultura e patrimônio. Neste sentido, o Terno de Reis apresenta-se como patrimônio imaterial açoriano no Vale do Taquari, muito embora atualizações e (re)significações inerentes à cultura se fizeram presentes.

Palavras-Chave: Descendentes de açorianos, patrimônio, cultura, memória.

Abstract: The Terno de Reis is an Azorean festivity directly related to the culture of the immigrants who left the Azores Islands in the 18th century to colonize Southern Brazil. This study aims to analyze the implications of the terno de reis as an intangible cultural heritage among the descendants of Azoreans in Taquari Valley. In methodological terms, qualitative research is adopted, with an exploratory profile, anchored in bibliographic research techniques and using oral history to conduct interviews, which are analyzed from theorists of ethnicity, culture and heritage. In this sense, the Terno de Reis presents itself as an Azorean intangible heritage in Taquari Valley, even though updates and (re) significations inherent in the culture were present.

Keywords: Azorean descendants, Heritage, Culture, Memory.

¹ O estudo insere-se nos Projetos de Pesquisa “Desenvolvimento Econômico e Sociocultural da Região do Vale do Taquari/RS” e “Identidades étnicas em espaços territoriais da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas/RS” do PPG em Ambiente e Desenvolvimento e contou com auxílio financeiro da FAPERGS e da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES).

² Mestranda em História na UNISINOS com bolsa CNPq. Graduação em História UNIVATES. E-mail: cibelearoldarosa@gmail.com

³ Doutora em Economia, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Lajeado/Brasil. E-mail: jbarden@univates.br.

⁴ Doutor em História, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento e do curso de História da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Lajeado/Brasil. E-mail: lflaroque@univates.br.

Introdução

A região do Vale do Taquari constituiu-se a partir de uma construção territorial e cultural resultante de diversos processos migratórios internos no Rio Grande do Sul, principalmente por grupos de indígenas, africanos, europeus⁵ e mais recentemente de haitianos e senegaleses, sendo que dentre estes grupos étnicos, os que mais impactaram do ponto de vista demográfico e no patrimônio cultural foram de açorianos, alemães e italianos.

O território por tratar-se de um espaço-tempo vivido é também múltiplo, diverso e complexo e, segundo Santos (1996)⁶, transformado tendo em vista as necessidades políticas e socioeconômicas. Esta situação observou-se no Vale do Taquari, cuja constituição deu-se pelos distintos povos que nele se instalaram e também pela situação de região de fronteira, tanto cultural como política, pelo fato de localizar-se em uma zona de disputa de colonização entre as Coroas Portuguesa e Lusitana (GOLIN, 2002)⁷. Contudo, a significação individual e social, bem como a projeção da identidade e de elementos culturais sobre o território remete a concepção de territorialidade:

A territorialidade, no nosso ponto de vista, não é apenas ‘algo abstrato’, num sentido que muitas vezes se reduz ao caráter da abstração analítica, epistemológica. Ela também é uma dimensão imaterial, no sentido ontológico de que, enquanto ‘imagem’ ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente com uma estratégia político-cultural, mesmo que o território ao qual se refira não esteja concretamente manifestado [...]⁸.

Portanto, a concepção de território e territorialidade deve ser entendida neste estudo como uma dinâmica social em que culturas em uma região de fronteira entram em contato, e os elementos postos na ação passam a ser atualizados, interpretados ou reinterpretados segundo os parâmetros de cada um dos grupos envolvidos. Isto é o que se percebeu com o patrimônio, memória e identidade açoriana e dos seus descendentes no Vale do Taquari, principalmente nas relações de contatos estabelecidas com os imigrantes alemães, italianos e seus descendentes, mas também os demais grupos étnicos.

⁵ De acordo com Carvalho (2002), muitos dos açorianos que migraram das ilhas para o Vale do Taquari possuíram escravos, estes de origem africana. In.: CARVALHO, Vera Regina. Da Ilha de Açores à freguesia de Taquari: uma trajetória dos imigrantes açorianos no continente de Rio Grande. *Revista Estudo & Debate*, v. 9, n. 1, Lajeado, 2002. p. 39-57.

⁶ SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

⁷ GOLIN, Tau. *A Fronteira*. Porto Alegre: LePM, 2002.

⁸ HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*. ano. IX, n. 17, 2007. p. 23.

Do ponto de vista político administrativo a Região Vale do Taquari localiza-se na porção centro leste do estado do Rio Grande do Sul, sendo composto por trinta e seis municípios, e encontra-se dividida em seis microrregiões (norte, sul, leste, oeste, centro e centro sul) as quais apresentam diversas especificidades tanto econômicas quanto socioculturais.

Considerando que a região tem uma multiplicidade de saberes e culturas por suas características referentes aos processos migratórios, o grupo étnico selecionado para o estudo trata-se de produtores rurais descendentes de migrantes açorianos, enfocando a festividade conhecida como Terno de Reis. Neste sentido o objetivo do estudo consiste em analisar as implicações do Terno de Reis como patrimônio cultural imaterial entre os descendentes de açorianos localizados na microrregião sul do Vale do Taquari.

É oportuno salientar que nas primeiras décadas do século XVIII, o espaço geopolítico determinado como Vale do Taquari⁹, já era ocupado por sesmeiros estabelecidos nos Campos de Viamão, que abrangia, além do território próximo ao Rio Taquari, os territórios dos rios dos Sinos, Caí e Gravataí¹⁰. Já nas primeiras décadas do século XIX, e com a reconstrução política e territorial do Rio Grande de São Pedro, estas sesmarias tornar-se-ão fazendas, como é o caso das Fazendas Conventos, Estrela e São Gabriel, atualmente municípios de Lajeado, Estrela e Cruzeiro do Sul, localizados às margens do rio Taquari. A partir de meados do século XIX, somando-se à Lei de Terras de 1850, tem-se as crises no plantio e colheita do trigo, as terras passaram a ser comercializadas para os imigrantes chegados à região, principalmente alemães¹¹.

A região, desde o início do povoamento do território do Rio Grande do Sul, foi densamente povoada, seja por grupos indígenas, residentes nas terras antes do contato com europeus, ou até mesmo após a colonização europeia, a partir das primeiras doações de sesmarias ainda na primeira metade do século XVIII¹². A chegada dos casais das Ilhas do arquipélago dos Açores ao território e a consequente fundação da freguesia de Taquari se deu

⁹ A denominação se deu a partir da criação dos Conselhos de Desenvolvimento Regional, os COREDES (1994) e mais especificamente a partir do CODEVAT (um dos COREDES, este voltado para o Vale do Taquari).

¹⁰ VEDOY, Moisés Ilar Blum. *Contatos interétnicos: sesmeiros, fazendeiros, imigrantes alemães e indígenas Kaingang em territórios da bacia hidrográfica Taquari-Antas e Caí*. 2015. 100f. Monografia (graduação) – Curso de História, Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2015.

¹¹ LAROQUE, Luis Fernando da Silva et. al. Imigrantes açorianos e seus descendentes no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul: processo história envolvendo movimentação e práticas socioculturais. *Revista Signos*, ano 37, n. 2, 2016. p.104 – 123

¹² CHRISTILLINO, Cristiano Luís. *Estranhos em seu próprio chão: o processo de apropriações e expropriações e terras na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (O Vale do Taquari em período de 1840-1889)*. 2004. 372f. Dissertação (Mestrado em História da América Latina). Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2004.

após indecisões quanto à alocação dos ilhéus no território do Continente de Rio Grande de São Pedro¹³.

A saída dos casais de açorianos do Arquipélago dos Açores motivou-se como uma tentativa da Coroa portuguesa em habitar as terras ao sul de Laguna. A Coroa lusa marcou sua presença no território após a construção do Forte Jesus-Maria-José no ano de 1737, em Rio Grande. Devido ao Tratado de Madri de 1750, que dentre as cláusulas concedia a região das Missões espanholas para os portugueses em troca da Colônia de Sacramento, de posse portuguesa, os casais foram convidados a migrar de suas terras¹⁴, desembarcado em Rio Grande por volta de 1752. Esses casais, inicialmente estabelecidos Rio Grande, foram alocados para outras áreas do Continente de Rio Grande de São Pedro, como é o caso da porção sul do Rio Taquari, construindo na época o povoado de São José de Taquari, que ainda é reconhecido como a primeira cidade açoriana do Rio Grande do Sul¹⁵.

Além do alto índice de povoamento do arquipélago, os constantes cataclismos abalavam as produções econômicas e causavam medos constantes na população¹⁶. É o caso da ilha de Horta, na qual os habitantes, após inúmeros desastres naturais, passaram a realizar, de forma anual, uma festa em honra a Santo Cristo. Esta festa ainda é realizada e conta com a presença da fé destes açorianos, moradores das Ilhas do Arquipélago. Desta forma, as orações sempre fizeram parte do dia a dia dos ilhéus e, ao chegar no Continente de São Pedro, mantiveram tal costume¹⁷.

O projeto de colonização açoriana para o Continente de Rio Grande de São Pedro, além do povoamento, da manutenção da língua portuguesa, da difusão da fé cristã tinha como objetivo preservar as fronteiras do império português que avançava seus domínios para além da linha de Tordesilhas¹⁸. Em vista disto construíram nas margens do Rio Taquari

¹³ OSÓRIO., Helen. *Apropriação da terra no Rio Grande de São Pedro e a formação do espaço platino*. 1999. 247 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 1999.

¹⁴ De acordo com Graebin (2004), as ilhas do arquipélago dos Açores estavam passando por momentos de crise, onde algumas pragas naturais invadiram as lavouras de trigo, fazendo com que grande parte da população passasse fome.

¹⁵ FORTES, João Borges. *Os casais açorianos: presença lusa na formação do Rio Grande do Sul*. 2. Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978.

¹⁶ GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. *Sonhos, desilusões e formas provisórias de existência: os Açorianos no Rio Grande de São Pedro*. 2004. 324p. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio Sinos. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. São Leopoldo. 2004.

¹⁷ GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. *Sonhos, desilusões e formas provisórias de existência: os Açorianos no Rio Grande de São Pedro*. 2004. 324p. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio Sinos. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. São Leopoldo. 2004.

¹⁸ MENEZES, Avelino de Freitas. Os açorianos na estruturação do Brasil do Sul: as levas de meados do século XVIII. In.: Scott; Ana Silvia Volpi; BERUTE, Gabriel Santos; MATOS, Paulo Teodoro de (org.). *Gentes das Ilhas: Trajetórias transatlânticas dos Açores ao Rio Grande de São Pedro entre as décadas de 1740 a 1790*. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 60-81.

o povoado de mesmo nome e de Santo Amaro, localidades que até os dias atuais podem ser percebidos traços deste processo migratório.

Além dos resquícios arquitetônicos, é possível destacar, relativo à presença açoriana na região, traços culturais, tais como o Terno de Reis e práticas gastronômicas. Dentre estes últimos, destaca-se o cultivo da mandioca e a produção da farinha a partir da raiz do tubérculo, realizada nos meses de inverno, sobre a qual a presença dos vizinhos é uma constante. Tal prática pode ser percebida desde o século XVIII e, na longa duração, até os dias atuais¹⁹.

Do ponto de vista metodológico recorreu-se a uma análise qualitativa a respeito das informações obtidas nas entrevistas, bem como de dados levantados na revisão bibliográfica. Dessa forma, buscou-se na análise qualitativa abstrair dados e percepções acerca do processo histórico da presença açoriana, a partir da festa do Terno de Reis. Portanto, foi considerado não a medição de dados e sim o foco na análise das entrevistas com os descendentes deste grupo étnico. Destarte, apresenta-se um trabalho metodologicamente qualitativo no sentido de privilegiar o contexto histórico e social destes migrantes e seus descendentes²⁰. A revisão bibliográfica também foi realizada de modo qualitativo, pois a presença de um grupo de migrantes que se estabeleceu no Rio Grande do Sul após fluxos migratórios internos se concentra na análise de dados e produções já realizadas a respeito da imigração açoriana no Vale do Taquari²¹.

A análise documental foi realizada através do método da hermenêutica. A análise de texto deve ser tida pelo historiador com devida seriedade, afinal o documento exige atenção do profissional quando se trata do diagnóstico, já que o este não pode ser visto como algo claro, transparente, que postula sua fala nas linhas escritas – é preciso ver além²², numa tentativa de buscar texto e contexto, sendo que o texto não se limita ao contexto. Foi necessário buscar nexos entre as ideias contidas nos discursos, relacionando-as ao social.

A pesquisa e análise de dados da História Oral tornam-se relevantes para esta análise na medida em que a memória dos descendentes de açorianos contém informações que corroboram e visam construir perspectivas de análise a partir da revisão bibliográfica.

¹⁹ LAROQUE, Luis Fernando da Silva et. al. Imigrantes açorianos e seus descendentes no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul: processo história envolvendo movimentação e práticas socioculturais. *Revista Signos*, ano 37, n. 2, 2016. p.104 – 123.

²⁰ MEZZAROBBA, Orides; MONTEIRO, Claudia Servilha. *Manual de metodologia da pesquisa no direito*. 2 ed. rev. São Paulo: Saraiva, 2004.

²¹ Neste campo, destacam-se autores como: Graebin (2004), Carvalho (2002) e Silva (2009).

²² CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.375-400

Semelhante à análise do documento escrito, a oralidade dentro do campo da História tem ganhado espaço nos últimos anos pois, segundo Michel Pollak, “se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda a documentação também o é”²³. Neste sentido que o trabalho com a oralidade e o convívio direto com o objeto de pesquisa faz o historiador colocar sujeitos vivos na história. Ao mesmo tempo, a pesquisa permite “dar espaço e voz aos diversos atores sociais”²⁴, com ênfase nas recordações e histórias individuais que, analisadas, formam o conjunto. Ainda é possível estabelecer um contato mais próximo entre a história e os sujeitos que são participantes dela, afinal quando se evoca a memória destes, fala-se de história.

Para este trabalho, foram selecionados descendentes de migrantes açorianos participantes de um projeto de pesquisa da Universidade do Vale do Taquari - Univates, que aborda aspectos sociais, econômicos e culturais de descendentes de açorianos, alemães e italianos. Selecionou-se, para esta abordagem, quatro entrevistas, realizadas entre os anos de 2013 a 2016. As entrevistas ocorreram via pré-estruturação de questões²⁵ e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em que ficou resguardado o sigilo quanto ao nome dos entrevistados e que neste estudo serão tratados por E1, E2, E3 e E4.

O Terno de Reis e os descentes de açorianos: entre a memória, a identidade e as (re)significações

O Terno de Reis na microrregião sul do Vale do Taquari é uma tradição que remonta desde o início da colonização açoriana, que data da segunda metade do século XVIII. A introdução desta prática não apenas na região, mas em boa parte do Rio Grande do Sul, é obra de açorianos que antigamente se reuniam em pequenos grupos com gaita²⁶, violão e violino em visita às casas de amigos e parentes a fim de comemorar o nascimento de Jesus.

O Terno de Reis caracteriza-se, principalmente, pelo improviso nos versos, geralmente com rimas preparadas na hora do canto. A memória é perpassada pelas gerações, com o intuito de reunião entre os vizinhos. A tradição que remonta do Arquipélago dos Açores é cantada entre o final do ano até o dia seis de janeiro, o qual marca o Dia dos Reis na tradição cristã.

²³ POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10. 1992, p.8.

²⁴ FALEIRO, Silvana Rossetti. *Lendo memórias: 40 anos de Ensino Superior no Vale do Taquari e a construção do regional – História da Univates*. Lajeado: Ed. Univates, 2009, p. 25.

²⁵ THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

²⁶ Gaita conhecido em algumas regiões como acordeon.

Nesse sentido, o Terno de Reis mistura a tradição açoriana com a religiosidade católica e popular, perpetuando um costume advindo de tempos da grande migração de açorianos para o Continente de Rio Grande de São Pedro. Pode-se perceber sua significância para a manutenção de uma identidade açoriana na região bem como a construção de um patrimônio imaterial por parte do grupo de descendentes.

Por muito tempo, a ideia de patrimônio representou um único sentido, isto é, uma única forma de representar o que se queria preservar da história humana. Com a introdução de novos conceitos nas humanidades, o termo permaneceu ainda muito ligado ao monumento. Se no passado o conceito era estendido apenas a uma minoria de objetos e ainda de coleções particulares, a partir dos anos de 1960, principalmente na Europa, tem se deflagrado um novo caminho, onde o conjunto também seria importante. Ou seja, “[...] o domínio patrimonial não se limita mais aos edifícios individuais; ele agora compreende os aglomerados de edificações e a malha urbana; aglomerados de casas e bairros, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjunto de cidades.”²⁷.

Todavia, até os anos de 1980, apesar das mudanças estruturais no conceito, ele ainda estava muito ligado ao material²⁸. Desde a antiguidade, o monumento, conceito histórico que transcorre os séculos, foi sendo (re)interpretado. O conceito de patrimônio também possui historicidade.

Patrimônio. Esta bela e antiga palavra estava, na origem, ligada as estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo [...]. Patrimônio histórico. A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras primas das belas artes e das artes aplicadas²⁹.

Conforme Pedro Funari e Aline Carvalho, o conceito moderno de patrimônio foi cunhado a partir da Revolução Francesa, no século XVIII, pois os revolucionários necessitavam criar novos símbolos e signos que pudessem reger a vida daqueles cidadãos³⁰. Naquele momento, era importante desvincular da memória e identidade dos franceses a ligação com a família real absolutista e criar, a partir de então, uma identidade nacional. Os autores ainda discorrem sobre o sentido de nacionalismo e identidade, que estava se consolidando durante o século XIX.

²⁷ CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. p. 13.

²⁸ CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

²⁹ CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006. P. 11.

³⁰ FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira. Memória e Patrimônio: diversidade e identidades. *Revista Memória em rede*. s/d, 10 p.

Se, durante muito tempo, patrimônio foi relacionado a monumento, a partir da década de 1980 não só no Brasil³¹ como também no mundo ocidental, tem-se uma nova edição do conceito, que passa a cunhar-se, também, enquanto patrimônio cultural. Este último manifesta-se tanto na forma física quanto nas expressões imateriais como carnaval, festas juninas ou ainda festas de cunho regional. Assim, o patrimônio cultural seria tudo aquilo que pode ser considerado importante para a permanência identitária de uma cultura, sendo bens materiais ou imateriais³².

Neste sentido, considera-se a prática envolvendo a cultura de descendentes de migrantes açorianos relacionados com a prática religiosa como um patrimônio cultural imaterial. É possível destacar duas destas práticas açorianas que permanecem entre seus descendentes: as irmandades e o Terno de Reis. Sobre a primeira, aponta-se para o fato de que as irmandades seriam formas de sobrevivência local, trazendo para os dias atuais maior união entre a comunidade, que organiza a festa da paróquia de São José de Taquari, onde, aliás, ainda se localiza a Igreja de mesmo nome, fundada em 1765, em estilo barroco tardio, juntamente com as primeiras levas de casais açorianos no Vale³³.

O Terno de Reis, que ainda é praticado, é uma significativa “festa religiosa que também cultiva as tradições luso-açorianas. A festa mostra a identidade cultural da cidade através de uma mistura de tradições”³⁴. Além disso, a prática movimenta os moradores locais e as famílias, que se reúnem para as cantigas e as improvisações próprias da festividade. O entrevistado E4 demonstra que a prática se dava no seio familiar, ao relatar a presença do pai e do irmão, além do sogro na cantoria. Conforme o referido, “[...] é meu pai tocava meu irmão também se fosse eterno vinha até hoje, mas o meu pai cantava o teu pai também cantava [referindo ao sogro]”³⁵.

³¹De acordo com Rocha (2010, p. 2), no nosso país, as primeiras medidas foram tomadas a partir de 1936, a partir “de um anteprojeto de Mário de Andrade e alguns intelectuais da época, com suas concepções sobre arte, história, tradição e nação, através da criação do SPHAN- Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”.

³² SPINA, Gabriel Luis; SERRATO, Edgar Bruno Franke. Patrimônio histórico e cultural: uma revisão bibliográfica. *Educação, Batatais*, v. 5, n. 3, p. 99-116, 2015.

³³ GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. *Sonhos, desilusões e formas provisórias de existência: os Açorianos no Rio Grande de São Pedro*. 2004. 324p. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio Sinos. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. São Leopoldo. 2004; SILVA, Cleidirose. *Cultura açoriana em Taquari e Paverama: costumes e religiosidade preservados ao longo do tempo*. 2009. 150 p. Monografia (Graduação). Curso de História, Centro Universitário Univates: Lajeado, 2009

³⁴ MARQUES, Marli Pereira. Terno de Reis: um sinal cultural açoriano em Taquari. In.: FERNANDES, Evandro; NEUMANN, Rosane Marcia; WEBER, Roswithia (org). *Imigração: diálogos e novas abordagens*. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 478-482, p. 478.

³⁵ E4 – *Entrevistado 4*: depoimento [28 jan. 2016]. Entrevistadora: Ana Paula Castoldi e Júlia Leite Gregory. Vale do Taquari/RS: s.e., 2016. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Ana Paula Castoldi e Júlia Leite Gregory. *Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural da Região do Vale do Taquari/RS*. Lajeado. Univates, p. 12.

Compreende-se o patrimônio como algo que se recebe do passado, ou seja, com conteúdo histórico e portador de historicidade. Dessa forma, entende-se que o patrimônio é social e conjuntamente construído, o que se conjuga em um sentimento de pertença deste patrimônio a um grupo ou a pertença deste grupo a determinado patrimônio – seja ele material ou imaterial.

Portanto, a memória destaca-se como ponte para a compreensão da identidade enquanto individual e também coletiva, na medida em que o patrimônio contribui para a afirmação destas identidades. Por identidades, pode-se compreendê-la enquanto “processo de identificações historicamente apropriadas que conferem sentido ao grupo”³⁶. Isto implica um sentimento de pertença a algum grupo ou etnia³⁷, realçando traços de sua colocação enquanto sujeito de uma história.

A memória tem a importância de construtora da identidade social³⁸. Segundo Jacques Le Goff, “a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder”. Sendo que, desta forma, a historiografia tem a capacidade de buscar elementos dentro desta que justificam a ligação com o passado, onde “a memória, na qual cresce a história, que por uma vez o alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”³⁹.

Desta forma, compreende-se que a mesma seja socialmente construída⁴⁰, sendo que neste sentido cabe ao historiador (re)pensar o processo histórico por trás das memórias subjetivas. Pode-se, então, num esforço com outros historiadores, esfacelar as faces da memória, já que tanto *memória* quanto *história* evocam um sentido de passado; Pierre Nora ainda comenta a função dos lugares na evocação da memória. Neste sentido:

Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais [...]. São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica⁴¹.

³⁶ RODRIGUES, Donizete. Patrimônio cultural, memória social e identidade: uma abordagem antropológica. s/d. p. 3.

³⁷ Como não é o objetivo do trabalho, sobre grupos étnicos e suas fronteiras, ver Barth *Os grupos étnicos e suas fronteiras* (1969).

³⁸ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2003.

³⁹ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2003. p. 470-471.

⁴⁰ POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10. 1992, p. 200- 212.

⁴¹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do programa de Estudos de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1981. p. 7-39, p. 21.

A memória pode ter caráter seletivo⁴², afinal nem tudo fica guardado - ela acaba por sofrer algumas alterações quando está sendo articulada. Sendo assim, pode-se inferir que a memória é construída, podendo ou não tal construção ser consciente. Portanto, estudar a construção da memória é fundamental para compreender a formação da identidade de um indivíduo ou de um conjunto étnico.

Considera-se que tanto os migrantes açorianos quanto, na atualidade, seus descendentes que ainda se encontram no Vale do Taquari formam um grupo étnico. Por grupo étnico compreende-se enquanto organização social a partir do que é “*socialmente efetivo*”⁴³, além de considerar que as relações entre diferentes grupos étnicos é que constroem as fronteiras étnicas. É, portanto, uma construção identitária contrastiva. Neste sentido, apenas os descendentes de açorianos praticam o Terno de Reis, enquanto que descendentes de outros grupos praticam outras festas típicas que remetem aos seus antepassados, como, por exemplo, o filó entre os descendentes de italianos⁴⁴.

Desta maneira, o Terno de Reis no Vale do Taquari encontra-se nas festividades do Natal em Terra Açoriana, que acontece todo ano, principalmente na cidade de Taquari: “a festa mostra a identidade cultural da cidade através de uma mistura de tradições, pois apresentam o presépio vivo e a chegada dos colonizadores açorianos de barco pela lagoa”⁴⁵.

A migração açoriana tem forte relação com a religiosidade, sendo que muitos símbolos desta ainda permanecem⁴⁶. “Em seu formato mais original, o Terno de Reis é uma festa natalina formada por homens que se reuniam para tocar e cantar na janela de uma determinada casa da vizinhança”⁴⁷, sendo recebidos com jantares e muita festa. Nesse ínterim, destaca-se o relato do entrevistado E1, descendente de casais açorianos.

⁴²POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10. 1992, p. 200-212.

⁴³BARTH, Frederik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In.: BARTH, Frederik; LASK, Tomke (org.). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, [1969], 2000. p. 25-67. P. 31, grifo do autor.

⁴⁴TROMBINI, Janaíne. *Imigrantes italianos e seus descendentes na microrregião oeste do Vale do Taquari: História ambiental e práticas culturais*. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento). Universidade do Vale do Taquari – Univates. 2016.

⁴⁵MARQUES, Marli Pereira. Terno de Reis: um sinal cultural açoriano em Taquari. In.: FERNANDES, Evandro; NEUMANN, Rosane Marcia; WEBER, Roswithia (org). *Imigração: diálogos e novas abordagens*. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 478-482, p. 478.

⁴⁶SILVA, Cleidirose. *Cultura açoriana em Taquari e Paverama: costumes e religiosidade preservados ao longo do tempo*. 2009. 150 p. Monografia (Graduação). Curso de História, Centro Universitário Univates: Lajeado, 2009.

⁴⁷MARQUES, Marli Pereira. Terno de Reis: um sinal cultural açoriano em Taquari. In.: FERNANDES, Evandro; NEUMANN, Rosane Marcia; WEBER, Roswithia (org). *Imigração: diálogos e novas abordagens*. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 478-482, p. 478.

[...] Tu presta atenção: é, como eu vou dizer, tem um ditadozinho que é do dia 1º ao dia 6, que é o Dia dos Reis. Aí eles saíam, faziam aquela turma, quatro cantadores. E um botador de verso. E um gaiteiro. E aí ia, quantos queria ir junto, mas quatro cantadores tinha que ter. Um tirava a primeira voz, o outro respondia, não é? O outro respondia o outro verso também assim. Aí era quatro, e o gaiteiro, e o botador de verso. Aí o botador de verso dizia o verso que era pra cantar⁴⁸.

A cantoria iniciava geralmente no fim da tarde e estendia-se durante a noite. O grupo de cantores deslocava-se de casa em casa dos moradores da comunidade, sendo recebidos pelos moradores. Outro entrevistado destaca:

[...] interessante é que é assim enquanto o dono da casa não abra a porta ele tinha que ficar inventando verso, né. Aí eles pediam pro dono abre a porta e isso a dona às vezes queria brincar com eles e judiam pouco às vezes eles estavam cansados e o dono só esperando e esperando... aí deixando eles botar versos até que ele abre a porta eles pararam de tocar e antes de ir embora também aí fazer um toda aquela lenga-lenga que não dava quase pra entender né⁴⁹.

Neste caso, percebe-se que, ao menos durante a infância deste entrevistado, o Terno de Reis ainda acontecia ao sul do Vale do Taquari. É o que também a página da Câmara Municipal de Vereadores de Taquari atesta, com sua manchete de “23º Natal Açoriano encerra com Terno de Reis”⁵⁰. Ainda na matéria, é caracterizado o Terno de Reis, conforme segue:

O Terno de Reis é inspirado na história bíblica dos Três Reis Magos. Seguindo uma estrela que surge no céu no dia de seu nascimento, 25 de dezembro, Gaspar, Melchior e Baltazar, saem à procura do Menino Jesus, levando presentes (ouro, mirra e incenso) e chegam a Belém no dia 06 de janeiro, Dia de Reis. Adaptado aos folguedos lusitanos, o Terno de Reis canta a história durante o mês de dezembro até o dia 6 de janeiro. Os grupos formados por cantores e instrumentistas percorrem as casas do início da noite ao amanhecer. A apresentação se divide em três partes. Na chegada, saúdam os donos da casa e pedem licença para entrar. No segundo ato, louvam o menino Jesus em frente ao presépio. A cantoria é interrompida quando o dono da casa, seguindo o exemplo dos Reis Magos, presenteia o grupo com bebidas e comidas. A apresentação se encerra com o agradecimento e despedida. Segundo a cultura popular quem recebe o Terno

⁴⁸ E1 – *Entrevistado 1*: depoimento [21 jun. 2013]. Entrevistador: Nicolas Dal Magro da Silva e Evanilson de Moraes. Vale do Taquari/RS: s.e., 2013. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Nicolas Dal Magro da Silva e Evanilson de Moraes. *Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural da Região do Vale do Taquari/RS*. Lajeado. Univates. p. 8.

⁴⁹ E4 – *Entrevistado 4*: depoimento [28 jan. 2016]. Entrevistadora: Ana Paula Castoldi e Júlia Leite Gregory. Vale do Taquari/RS: s.e., 2016. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Ana Paula Castoldi e Júlia Leite Gregory. *Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural da Região do Vale do Taquari/RS*. Lajeado. Univates, p. 13.

⁵⁰ 23º NATAL açoriano encerra com Terno de Reis. *Câmara Municipal de Vereadores – Poder Legislativo*. Taquari, 04 de jan. 2015.

de Reis em sua casa é abençoado. Em Encantado, vários grupos cultivam esta tradição e acompanhamos dois deles em visitas às casas⁵¹.

Desta forma, a festividade do Terno de Reis é um marco na cultura do município e história de Taquari, onde a presença de descendentes de açorianos é forte. O Terno de Reis é um importante símbolo da cultura açoriana, com fortes tradições religiosas. Conforme Cleidirose Silva, a Igreja era o centro da povoação e dos núcleos urbanos, sendo que, na maioria das vezes, era uma capela ou uma igreja⁵². A religiosidade era marcante entre as famílias. Segundo Avelino Menezes, um dos principais argumentos para a vinda dos casais das ilhas para o meridional brasileiro, seria a manutenção da língua e também o cultivo da religião católica, já que o atual território do Rio Grande do Sul era compreendido enquanto região de fronteira, onde além de Espanha e Portugal digladiarem pelas terras, ainda havia a presença de grupos indígenas⁵³. Silva enfatiza o seguinte:

Os colonizadores açorianos trouxeram em sua bagagem vários costumes, fatores culturais, aos quais se apegavam na sua terra natal, as ilhas dos Açores, mas destacava-se dentre todos a religiosidade. Por viverem em um ambiente castigado pelas adversidades do tempo e do clima, terremotos, erupções vulcânicas, e por viverem em ilhas banhadas pelo Oceano Atlântico, não tinham muito a quem recorrer e/ou fugir nessas trágicas oportunidades, apegando-se assim a Deus e a oração como única forma de salvação⁵⁴.

A preservação desta festa de origem religiosa possibilitou aos açorianos e seus descendentes a preservação cultural, estimulando atos de receptividade entre as pessoas. É o que atesta a entrevistada E2:

Até o dono da casa recebe, o dono da casa recebe, não é, então oferece pra eles, não é, aí daí eles oferecem, não é, depois um jantar, porque geralmente é de noite, não é. É, e aí eles jantam, eles cantam outros tipos de musica, não é, aí lá pelas tantas eles vão agradecer, aí eles vão de novo eles saem pra fora, não é, e vão cantar pra agradecer como foram bem recebidos, não é⁵⁵.

⁵¹ 23º NATAL açoriano encerra com Terno de Reis. *Câmara Municipal de Vereadores – Poder Legislativo*. Taquari, 04 de jan. 2015.

⁵² SILVA, Cleidirose. *Cultura açoriana em Taquari e Paverama: costumes e religiosidade preservados ao longo do tempo*. 2009. 150 p. Monografia (Graduação). Curso de História, Centro Universitário Univates: Lajeado, 2009.

⁵³ MENEZES, Avelino de Freitas. Os açorianos na estruturação do Brasil do Sul: as levas de meados do século XVIII. In.: Scott; Ana Silvia Volpi; BERUTE, Gabriel Santos; MATOS, Paulo Teodoro de (org.). *Gentes das Ilhas: Trajetórias transatlânticas dos Açores ao Rio Grande de São Pedro entre as décadas de 1740 a 1790*. São Leopoldo: Oikos, 2014.

⁵⁴ SILVA, Cleidirose. *Cultura açoriana em Taquari e Paverama: costumes e religiosidade preservados ao longo do tempo*. 2009. 150 p. Monografia (Graduação). Curso de História, Centro Universitário Univates: Lajeado, 2009, p. 68.

⁵⁵ E2 – *Entrevistado 2*: depoimento [12 jul. 2013]. Entrevistador: Nicolas Dal Magro da Silva e Evanilson de Moraes. Vale do Taquari/RS: s.e., 2013. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Nicolas Dal

Quanto à ideia de cultura, tem-se que a mesma é um conceito histórico. Ao longo das décadas, as ciências humanas tentaram defini-lo, cabendo à Antropologia a tarefa maior. Os primeiros antropólogos consideram que cultura seria tudo aquilo que o homem adquire durante sua vida. Contudo, considera-se que o homem está envolto em uma teia de significados⁵⁶, sendo que esta teia seria o que se pode determinar por cultura. Para o antropólogo, ainda, o homem estaria submerso nesta teia, num jogo de signos que norteariam seus conceitos.

Desta maneira, “o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam”⁵⁷. Sendo assim, o Terno de Reis expressa traços da cultura do imigrante açoriano bem como seu descendente.

Sobre a descendência dos interlocutores pesquisados, temos que “Começou com nosso trisavô na verdade que foi ele veio de Portugal por volta de 1700 e alguma coisa perto de mil e oitocentos e ali começou [...] veio para a região que se situou aqui o que é onde mora meu irmão ali embaixo”⁵⁸. Portanto, esta relação com a memória e a etnicidade está fortemente ligada ao sentido de identidade e história.

Vale salientar que o Terno de Reis se dá enquanto patrimônio imaterial daquele grupo que o pratica. Desta forma, “para além da origem jurídica, do termo, o sentido evocado ao terno patrimônio é o da permanência do passado, da necessidade de resguardar algo significativo no campo das identidades, do desaparecimento”⁵⁹, sendo que as noções de tempo e identidade operam em conjunto para uma reconstrução do passado. Um dos entrevistados relata que a festa evocava o sentido de comunidade: “só por alegria, só pra fazer aquela comunidade feliz naquelas horas. Era uma comunidade que a gente tinha”⁶⁰.

Magro da Silva e Evanilson de Moraes. *Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural da Região do Vale do Taquari/RS*. Lajeado. Univates, p. 15.

⁵⁶ GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In.: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 13-41.

⁵⁷ LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009, p. 45.

⁵⁸ E3- *Entrevistado 3*: depoimento [15 jan. 2015]. Entrevistador: Ana Paula Castoldi e Simone Weber. Vale do Taquari/RS: s.e. 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Ana Paula Castoldi e Simone Weber. *Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural da Região do Vale do Taquari/RS*. Lajeado. Univates, p. 3.

⁵⁹ COSTA; Marli Lopes; CASTRO, Ricardo Vieiralves. Patrimônio Imaterial Nacional: preservando memórias ou construindo histórias?. *Estudos de Psicologia*, 2008, p. 125-131, p. 126.

⁶⁰ E1 – *Entrevistado 1*: depoimento [21 jun. 2013]. Entrevistador: Nicolas Dal Magro da Silva e Evanilson de Moraes. Vale do Taquari/RS: s.e., 2013. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Nicolas Dal Magro da Silva e Evanilson de Moraes. *Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural da Região do Vale do Taquari/RS*. Lajeado. Univates. p. 8.

O Terno de Reis também passou a ser ressignificado dentro da comunidade de descendentes de açorianos. Além da reunião nos primeiros dias do mês de janeiro, com um significado mais religioso, o mesmo passou a ser utilizado, também, em aniversários. Como demonstra o entrevistado E4:

E4: eu ia dizer esse Terno de Reis não é só no Dia de Reis né. Fazer um aniversário alguém podia esperar que aquela noite ia o Terno de Reis então fazer pra aquela pessoa fazer os versos pra aquela pessoa matava uma galinha e fazer um banquete [...]

Entrevistador: mas aí eles vinham até a casa?

E4: sim, [...] às vezes eles poderiam estar dormindo alguns esperavam as pessoas deitar e dormir daí tinha lá depois com gaita violão aí abre a gaita e começava puxar verso né o dono da casa dona e o aniversariante⁶¹.

Nesse sentido, destaca-se que o Terno de Reis encontra-se simbolicamente presente no dia a dia da comunidade de moradores da microrregião sul do Vale do Taquari, sendo empregado tanto na festividade religiosa quanto em datas comemorativas, como aniversários, remonta ao processo de união dessas famílias que formam a comunidade.

De acordo com Hartog (2006), o patrimônio, a partir da década de 1980, atinge uma “nova configuração; o patrimônio se encontra ligado ao território e à memória, que operam um e outro como vetores da identidade: a palavra-chave dos anos 1980”⁶². É ainda nessa lógica que há uma crescente preocupação em manter a memória historicamente registrada mediante a patrimonização dos símbolos da identidade nacional, situação que podemos observar com o Terno de Reis entre os descendentes de açorianos, por exemplo.

Do ponto de vista da relação ao tempo, de que esta proliferação patrimonial é sinal? Ela é sinal de ruptura, seguramente, entre um presente e um passado, o sentimento vivido da aceleração sendo uma forma de fazer a experiência: a mudança brusca de um regime de memória para outro, do qual Pierre Nora fez o ponto de partida de sua interrogação. O percurso da noção mostrou indubitavelmente que o patrimônio jamais se nutriu da continuidade, mas, ao contrário, de cortes e da problematização da ordem do tempo, com todos os jogos de ausência e presença, do visível e do invisível, que marcaram e guiaram as incessantes e sempre mutantes formas de produzir semióforos⁶³.

Em uma perspectiva psicossocial, é possível afirmar que as memórias devem ser vistas como mesclas resultantes tanto de memórias individuais quanto coletivas. Há

⁶¹ E4 – *Entrevistado 4*: depoimento [28 jan. 2016]. Entrevistadora: Ana Paula Castoldi e Júlia Leite Gregory. Vale do Taquari/RS: s.e., 2016. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Ana Paula Castoldi e Júlia Leite Gregory. *Projeto Desenvolvimento Econômico e Sociocultural da Região do Vale do Taquari/RS*. Lajeado. Univates, p. 13.

⁶² HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36. p. 261-273, jul./dez. 2006. p. 266.

⁶³ HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36. p. 261-273, jul./dez. 2006. p. 271-272.

sempre trocas entre estes dois campos da memória, sendo que um colabora na revitalização do outro. Portanto, tais memórias tornam-se aquilo que se compreende como um patrimônio imaterial de um grupo étnico alocado na região do Vale do Taquari. Este grupo também preza pela preservação da prática, sendo realizada todos os anos, no mês de janeiro⁶⁴, além dos aniversários.

Portanto, “a ideia [...] de patrimônio está ligada ao impulso de preservação de bens materiais e imateriais que emerge do social”⁶⁵, sendo considerada uma forma de relação com o passado, um sentimento que revelaria um ou mais desejos de eternizar algo do passado. Mas o patrimônio também pode ser entendido enquanto vivo, na medida em que o patrimônio, quando imaterial, ainda é praticado por diversos grupos e sustentado por eles. De acordo com a Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, patrimônio imaterial é definido conforme segue:

[As] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo para promover o respeito à diversidade e à criatividade humana⁶⁶.

No Brasil, o Decreto de Lei nº 3.551 de agosto de 2000, que cria o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, compreende o patrimônio imaterial brasileiro, tais como festas, expressões artísticas e literárias. O conceito tem base forte na antropologia, na medida que “abarca potencialmente expressões de todos os grupos e camadas sociais”⁶⁷.

Considerações finais

Os resultados da pesquisa dão conta de perceber a importância da significação do Terno de Reis para a manutenção identitária do grupo étnico de açorianos e seus descendentes. Assim como os descendentes de alemães com as festividades religiosas e

⁶⁴ MARQUES, Marli Pereira. Terno de Reis: um sinal cultural açoriano em Taquari. In.: FERNANDES, Evandro; NEUMANN, Rosane Marcia; WEBER, Roswithia (org). *Imigração: diálogos e novas abordagens*. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 478-482.

⁶⁵ D’ALESSIO, Márcia Mansor. Metamorfoses do Patrimônio: o papel do historiador. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasil: nº 34, 2012, p. 80.

⁶⁶ CASTRO, Maria Laura Viveiros de. *Patrimônio imaterial no Brasil*. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008, p. 11-12.

⁶⁷ CASTRO, Maria Laura Viveiros de. *Patrimônio imaterial no Brasil*. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008, p. 80.

comunitárias do *Kerb*⁶⁸ e os descendentes italianos com o encontro social entre parentes, amigos e vizinhos para se fazer Filó⁶⁹, os quais povoaram a região do Vale do Taquari praticamente um século depois – os açorianos e seus descendentes como vimos também perpetuam muitos de seus costumes. Nestas pesquisas com produtores rurais que descendem dos casais das Ilhas, é possível perceber que há uma forte herança cultural, apesar do distanciamento histórico da colonização.

Costeando o Rio Taquari, no município com o mesmo nome, ainda se encontra diversas casas e comunidades com descendência açoriana que preservam a arquitetura local – para além dos costumes na gastronomia, como o mocotó, por exemplo, e na religiosidade, como o Terno de Reis, realizado entre o Natal e o dia seis de janeiro. Esta presença açoriana na região pode ser atestada, principalmente, na microrregião sul, nos municípios de Taquari, Tabai, Bom Retiro do Sul e Paverama.

Destarte, a preservação do Terno de Reis como marca típica dos descendentes de açorianos no sul do Vale do Taquari pode ser considerada, dentro do que se afirma pelo termo, patrimônio imaterial. Com todas as variações e (re)significações que os grupos atribuem a seus atos culturais, o Terno de Reis também passou por tais fases.

O patrimônio imaterial, ou seja, quando um grupo dá sentido a alguma prática, pode ser encarado nesta pesquisa em relação ao Terno de Reis. Ainda não há uma legislação específica acerca da consideração deste patrimônio, mas é possível percebê-lo enquanto marca cultural deste grupo. Outrossim, estes mesmos descendentes não mantêm contato uns com os outros, pois também são de municípios da microrregião mencionada acima. Quando perguntados sobre o Terno de Reis, obteve-se resposta que nos indicaram indícios de um patrimônio imaterial do grupo, seja pelo fato de ser compartilhado entre todos, como nas comemorações de janeiro no município de Taquari, ou então nas comunidades em que cada entrevistado reside. Destarte, pode-se considerar que há uma significação por parte da memória nestes descendentes.

⁶⁸ O *Kerb* caracteriza-se por uma celebração anual do aniversário da igreja comunitária, sendo realizado tanto por descendentes de alemães católicos como por evangélicos protestantes e costumeiramente é realizado no Vale do Taquari por três dias corridos, recebendo muitas visitas de parentes e amigos de outras comunidades e, embora atualizado com elementos novos que passaram a ser agregados, continua sendo um grande encontro comunitário e cultural.

⁶⁹ O filó consiste em um encontro de convívio social e cultural entre os descendentes de italianos e sofrendo atualizações culturais no Vale do Taquari passou a ocorrer de forma comunitária em alguns municípios. No passado, além de promover o convívio social e cultural entre os imigrantes, ainda possibilitava relações econômicas, tendo em vista ser uma sociabilidade exercida em horas de lazer, oferecia solução de mão-de-obra gratuita, estimulando o regime de troca, não só dos produtos da terra, como também do próprio trabalho braçal.